

## À descoberta de padrões: Os bordados de crivo da Dona Salomé Vieira



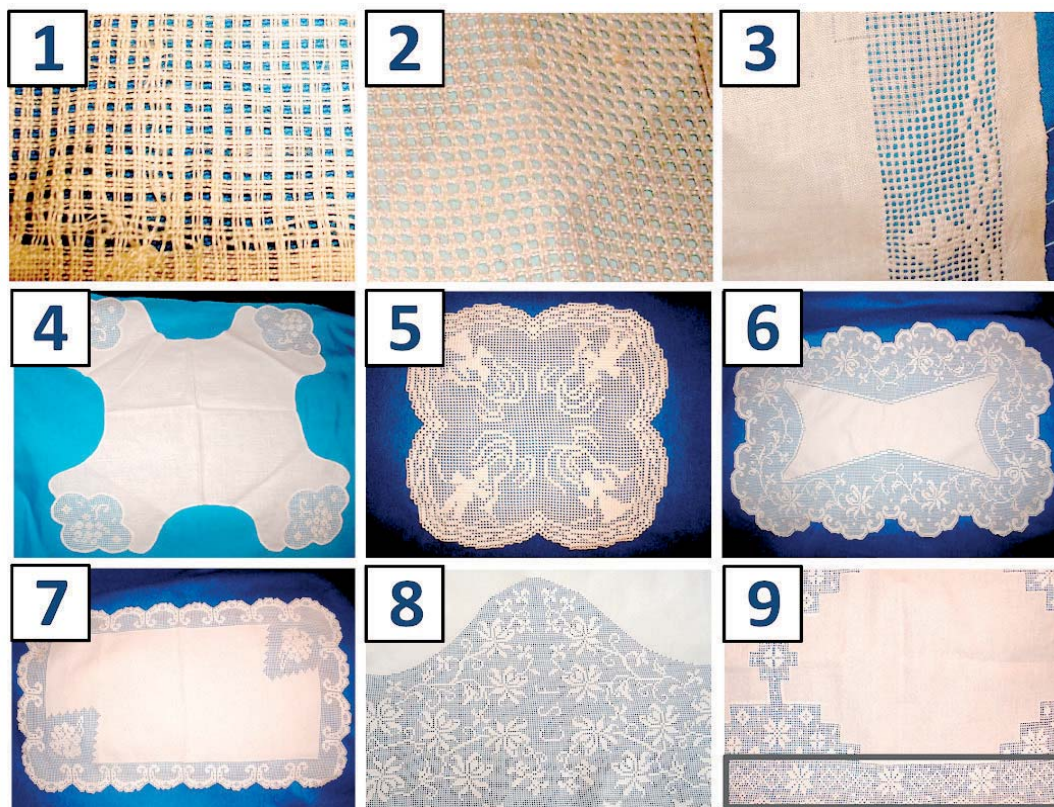
RICARDO CUNHA TEIXEIRA  
DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA DA UNIVERSIDADE  
DOS AÇORES, RTEIXEIRA@UAC.PT

As bordadeiras que trabalham em crivo usam tecidos desfados na horizontal e na vertical, que se parecem com uma peneira de arame, daí a designação de crivo. Os bordados sobre tecidos desfados são conhecidos desde longa data em quase todos os países da Europa. O trabalho em crivo tem alguma tradição nos Açores. Contudo, esta arte está em perigo de desaparecer não só no Arquipélago, como também além-fronteiras, nomeadamente no Brasil, que acolheu esta tradição por mãos de emigrantes açorianas a partir de 1692.

O artigo de Ana Coelho e Alessandra Oliveira, publicado na edição do Atlântico Expresso de 26 de outubro de 2015, alerta-nos para este facto e mostra-nos o testemunho de algumas artesãs, açorianas e brasileiras, que ainda permanecem ativas na promoção dos bordados de crivo. Foi nossa intenção explorar as simetrias de alguns destes trabalhos. Neste contexto, estivemos à conversa com a Dona Salomé Vieira, artesã açoriana e formadora dos bordados de crivo.

Salomé Vieira é natural da ilha do Faial. Aos 18 anos, começou a ajudar a sua sogra, Margarida do Vale, a puxar fios e a fazer bordados de crivo. A nossa artesã recorda com nostalgia os longos serões de trabalho: “Bordei e puxei muitos fios apenas com a luz de um cadeiro de petróleo! É um trabalho que exige muita paciência e concentração.” Aos 21 anos, Salomé começou a dar cursos de formação. Desde então, já dinamizou numerosas formações sobre bordados, costura, retalhos loucos e crivo: “Tive tantas formandas que já perdi a conta! Certamente várias centenas.” Recentemente, em 2013, Salomé dinamizou nas Lajes do Pico um atelier de costura, patchwork e trabalhos loucos. Em 2015, participou em mais uma edição dos “Novos Desafios”, iniciativa da Câmara Municipal da Horta. Essa edição decorreu na freguesia dos Cedros e reuniu cerca de 25 formandas. Salomé Vieira recorda também muitas das exposições de artesanato em que participou ao longo dos anos: “Para além do Faial, já estive em S. Miguel, Terceira, S. Jorge, S. Maria e Pico. Participei na Feira Internacional de Artesanato no Parque das Nações e no Festival Nacional de Gastronomia de Santarém. Também já fui convidada para expor os meus trabalhos nos EUA, nos estados de Rhode Island e Massachusetts. Em Massachusetts, estive em Boston, New Bedford, Fall River e Taunton.”

Salomé Vieira explica em traços gerais as diferentes fases de execução de uma peça: “Primeiro, deve-se marcar o tamanho do tecido a trabalhar consoante o tipo de peça que se pretende. Pode ser um pano de pão, um pano de tableiro, um naperon, uma toalha, um lençol, etc. Depois, puxam-se os fios nas zonas onde se pretende trabalhar o tecido.” Esta é a fase do desfilar – vazar o tecido separando os fios e cortando para fazer os quadradinhos (Fig. 1). “O número de fios a puxar depende da grossura do linho. Em seguida, coloca-se a zona com os quadradinhos sobre um pedaço de cartolina azul, para



fazer contraste, e coze-se a cartolina ao pano. Faz-se então o repasse.” Esta é a fase do urdir – reforçar os lados dos quadradinhos com linha (ver a diagonal do tecido na Fig. 2). “Terminada esta fase, borda-se o tecido quadriculado, de acordo com o desenho pretendido.” Esta é a fase do bordar – preencher alguns quadradinhos com linha para produzir o desenho desejado (Fig. 3). “Depois de estar o bordado pronto, retira-se a cartolina e faz-se o remate final à volta, recortando-se o excesso de pano fora do remate.” Esta é a fase do casear – fazer o acabamento nas bordas para que o tecido não desfie.

De notar que os bordados de crivo feitos em linho têm mais valor: “O fio é mais resistente e confere maior durabilidade à peça, para além de ser mais fácil de executar. Noutro tipo de tecido, os fios rebentam com facilidade.”

Analisamos, de seguida, as simetrias de alguns trabalhos desenvolvidos pela Dona Salomé Vieira, que agradecemos pela disponibilidade e simpatia.

Na Fig. 4 podemos apreciar um bonito pano de pão com hortências. O desenho é da autoria da Dona Salomé. Esta peça apresenta simetrias de rotação de 90 graus e dos seus múltiplos: ao rodar o pano de pão no sentido anti-horário, segurando com um dedo no centro da peça, a configuração do desenho do pano permanece a mesma sempre que se completa um ângulo de 90 graus (ângulo reto). Por outras palavras, ao olharmos para o pano de pão segundo direções perpendiculares (num sentido e no oposto), a configuração do desenho não se altera: por exemplo, se nos posicionarmos em qualquer um dos lados de uma mesa retangular, de frente para o pano de pão, a configuração do desenho é sempre a mesma.

À primeira vista, o naperon quadrado da Fig. 5 tem precisamente as mesmas simetrias. Contudo, um olhar mais atento permite identificar dois motivos distintos alternados (um chinês e uma chinesa). Já os naperons dos exemplos que se seguem (Fig. 6 e Fig. 7) têm um formato retangular. Nestes três exemplos, identificamos uma simetria de rotação de 180 graus, também conhecida por meia-volta. Isto significa que, se virarmos cada um dos naperons “de pernas para o ar”, a sua configuração não se altera. Este tipo de simetria é muito comum, não só em peças de artesanato, como também nas calçadas e varandas. A abundância em causa tem uma justificação prática. Por exemplo, um centro de mesa com simetria de meia-volta tem exatamente a mesma configuração se for visto de um lado da mesa ou do lado oposto. O mesmo para um passeio em calçada que apresente este tipo de simetria.

O que distingue os quatro exemplos analisados até ao momento? No primeiro exemplo (Fig. 4), a configuração da peça é sempre a mesma independentemente do lado da mesa em que nos encontramos. Já em relação aos três últimos exemplos (Fig. 5, Fig. 6 e Fig. 7), isto só acontece para um lado da mesa e o seu oposto. Isto significa que se duas pessoas se posicionarem em lados consecutivos da mesa, de frente para o naperon, vão observar configurações diferentes da peça.

Todas as quatro peças apresentadas são exemplos de rosáceas. Mas se analisarmos apenas a uma das quatro faixas laterais do naperon da Fig. 7, passamos a observar um friso, que se caracteriza pela presença de simetrias de translação numa única direção: conseguimos observar um motivo que se repete

sucessivamente ao longo de cada faixa, sempre com o mesmo espaçamento entre cópias consecutivas desse motivo. Este friso apresenta também simetrias de reflexão ou de espelho com eixo com direção perpendicular ao friso. Este tipo de simetria é comum em bordados de crivo. Na Fig. 8, podemos apreciar um pormenor de um lençol, feito em pano antigo, que recebeu um prémio. Ao alto encontramos as letras CSF, que se reportam à expressão “Contigo serci feliz.”

Se nos abstrairmos destas letras, identificamos com facilidade um eixo de simetria vertical: se colocarmos um espelho, sensivelmente a meio, na vertical, apercebemo-nos que cada lado da figura é, de facto, um reflexo do outro. Isto significa que, se dobrarmos o lençol ao longo desse eixo de simetria, as duas metades devem sobrepor-se por completo.

Terminamos com um naperon e com a análise de uma das suas quatro faixas laterais (identificada na Fig. 9). Voltamos a identificar um friso, que se caracteriza pela repetição sucessiva de uma flor e de três losangos. Para além das simetrias de translação numa única direção, presentes em todos os frisos, identificamos simetrias de reflexão de eixos perpendiculares ao friso e uma simetria de reflexão de eixo horizontal, que corta o friso ao meio. Além disso, podemos observar que esta faixa também apresenta simetrias de meia-volta: se virarmos a faixa “de pernas para o ar” a sua configuração não se altera.

Deixamos ao leitor o desafio de continuar com os olhos bem abertos pois, quando menos esperar, terá a oportunidade de explorar as simetrias de exemplos curiosos que encontrar na calçada, nas varandas e no nosso artesanato!